

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

TERRITORIALIZAÇÃO DAS TRIBOS URBANAS NO PARQUE DOS
BILHARES – MANAUS/AM
Bolsista: Mirian da Silva Carvalho, CNPq

MANAUS
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

RELATÓRIO FINAL
PIB – H/0014/2013
TERRITORIALIZAÇÃO DAS TRIBOS URBANAS NO PARQUE DOS
BILHARES – MANAUS/AM

Bolsista: Mirian da Silva Carvalho, CNPq
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ivani Ferreira de Faria

MANAUS
2014

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Entrada do Parque Ponte dos Bilhares (pela Avenida Djalma Batista)

Figura 02 – Ciclovía do Parque dos Bilhares

Figura 03 – Desfile de moda do evento Show Cultural, realizado no Parque. Modelo representando uma noiva amazônica.

Figura 04 – Modelos e organizador do Evento Show Cultural, após o desfile.

Figura 05 – Parque Ponte dos Bilhares (pela Avenida Constantino Nery)

LISTA DE QUADROS

Tabela 01- Grupos / Tribos encontradas no Parque dos Bilhares.

RESUMO

O termo “tribo urbana” foi cunhada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, que começou a usá-la nos seus artigos a partir de 1985, e a expressão ganhou forças três anos após a publicação do seu livro *Le temps des tribus: Le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes*. Portanto, sabe-se que a sociedade é construída por diversos tribalismos, dos quais se destacam os: esportivos, hedonistas, religiosos, musicais, tecnológicos, que são “comunidades emocionais”. Tais comunidades ou grupos são identificáveis a partir do momento que formam conglomerados que se especializam. E é nesse momento que o Parque Ponte dos Bilhares entra em questão como espaço para o estudo das territorializações nele expressas. Foram utilizados procedimentos metodológicos da pesquisa documental com levantamento de dados secundários e aportes teóricos do tema em estudo, e levantamento de dados primários por meio de entrevistas semiestruturadas com 160 frequentadores assíduos(ou não) do Parque. As tribos, ou melhor “comunidades emocionais” foram catalogadas e verificadas quanto a sua maleabilidade e abertura, levando em consideração como estas se dispõem ao longo do parque, a frequência com a qual o visitam e como se dá a tolerância, aceitação de grupos diferentes interagindo no mesmo logradouro. É de extrema necessidade a compreensão dos “vínculos territoriais”, com todos os seus conflitos, valores, necessidades, interações e o afeto que envolve o território vivido. Como argumenta Bonnemaison “o território é uma convivialidade”.

ABSTRACT

Or thermos "urban tribo" foi cunhada hair francês sociologist Michel Maffesoli that Começou to us using seus-la artigos from 1985 ea expressão ganhou três forças years publicação após to do seu livro *Le temps des tribes: Le déclin R 'dans les sociétés postmodernes individualism*. Portanto knows is that sociedade-é built by various tribalism two ye quais destacam: sportive, hedonists, religious, musicais, technological, that são "emocionais communities." Tais communities são groups identificáveis ou do from time formam conglomerates that especializam. E é nesse time or Park Ponte dos Bilhares questão em as hard or estudo territorializações espaço to give nele expressas. Foram used procedimentos gives methodological com levantamento of documentary research and theoretical contributions secundários given topic do estudo em, and levantamento given for meio primary semiestruturadas interviews of 160 com assíduos frequentadores (ou não) do Parque. As tribos, ou melhor "emocionais communities" foram cataloged and verified quanto to maleabilidade sua and opening, heaving em consideração how are you are ao dispoe longo do park, frequência com a qual or visitam and as is given to tolerance aceitação different groups interagindo no mesmo logradouro. É extreme necessidade to compreensão two 'territoriais links "com os seus all conflicts +, values, necessidades, Interações eo afeto to evolve or território lived. As Bonnemaison argues "é uma convivialidade Territory"

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 – INTRODUÇÃO..... | 07 |
| 1.1. Justificativa..... | 07 |
| 1.2. Objetivo Geral..... | 08 |
| 1.3. Objetivos Específicos..... | 08 |
| 1.4. Metodologia..... | 09 |
| 1.5. Procedimentos Metodológicos..... | 09 |
| 2 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 10 |
| 2.1 Tribos urbanas: categoria ou metáfora?..... | 10 |
| 2.2.As territorializações culturais..... | 14 |
| 3- DESENVOLVIMENTO..... | 16 |
| 3.1 Um parque, mil e uma aplicabilidades..... | 16 |
| 3.2 Um olhar mais apurado..... | 21 |
| 4- CONCLUSÕES..... | 31 |
| 5 – REFERÊNCIAS | 32 |
| 6 – CRONOGRAMA DE ATIVIDADES | 33 |

1. INTRODUÇÃO

Tribo jovem ou tribo urbana é o nome dado a um grupo de pessoas com hábitos, valores culturais, estilos musicais e/ou ideologias políticas semelhantes. Algumas tribos são alternativas à ordem social baseada na organização familiar, outras são apenas nomes genéricos dados a determinados grupos de pessoas. Tribos jovens são mais comuns em grandes metrópoles, por esse motivo são chamadas de tribos urbanas. Hoje em dia a cosmopolização das cidades propicia a inter-relação com diferentes culturas, e isso é refletido nos grandes centros urbanos (pela quantidade exacerbada de contingente populacional). Isso não significa dizer que as tribos urbanas sejam uniformes, muito pelo contrário, elas possuem traços em comum e particularidades delineadas. Mas ainda sim bastante identificáveis. A expressão “tribo urbana” foi cunhada pelo sociólogo francês Michel Maffesoli, que começou a usá-la nos seus artigos a partir de 1985, e a expressão ganhou forças três anos após a publicação do seu livro *Le temps des tribus: Le déclin de l’individualisme dans les sociétés postmodernes*. Portanto, sabe-se que a sociedade é construída por diversos tribalismos, dos quais se destacam os: esportivos, hedonistas, religiosos, musicais, tecnológicos, que são “comunidades emocionais” (MAFFESOLI, 2002).

O tribalismo, portanto refere-se a uma vontade de “estar junto”, onde o que importa é o compartilhamento de emoções em comum.

1.1. Justificativa

Manaus é a sétima capital mais populosa do país, isso implica numa grande variedade de pessoas, oriundas de diversas partes do país e do mundo. O avanço estrondoso das tecnologias e comunicações diminuiu as distâncias entre os diferentes lugares, aproximando assim pessoas de diferentes ideologias. Essa mistura por sua vez desencadeia a apropriação de diferentes hábitos, costumes e idéias por parte da população e isso tudo é expresso e impresso nas manchas pela

cidade. Nos “points” que se estabelecem entre pessoas que curtem os mesmos tipos de coisas, tais pontos de encontro que podem ser: praças, shoppings centers, um barzinho e, no caso deste trabalho, um parque.

O homem é um ser sociável, e vive em grupo, podendo transitar em um, dois ou três. Quanto mais, e é assim que este cria e recria sua territorialidade. Esta pesquisa procura compreender como se dão essas teias de relacionamento e território na área correspondente ao Parque dos Bilhares, situado na Av. Constantino Nery, bairro Chapada.

Essa questão levanta a curiosidade, por se tratar de um número bastante significativo de jovens que se deslocam de seus respectivos bairros para uma interação social e compartilhamento de vivências no popularmente conhecido “Bilhar”. A pesquisa busca investigar os motivos que levam esses jovens a elegerem o parque como lugar de sociabilidade e como se dá essa apropriação do espaço urbano. Seria a escassez de áreas de lazer em seu próprio bairro? Houve o “abandono” de alguma área antes por elas ocupada? Afinal, quem são esses jovens e como se espacializam? Porque?

Essas e outras perguntas foram levantadas antes do término da pesquisa e aqui desbravaremos um pouco dessa temática abrangente;

Objetivo Geral

- Entender o processo de integração territorial das tribos urbanas no perímetro do Parque dos Bilhares, na cidade de Manaus;

Objetivos Específicos

- Identificar as principais tribos presentes no Parque dos Bilhares;
- Demonstrar a territorialização dessas tribos em Manaus e espacializar as mesmas em

diferentes pontos do Parque;

- Analisar os motivos do uso comum dos territórios das tribos urbanas;

Metodologia

Este projeto teve como proposta o conviver e o participar do cotidiano do Parque dos Bilhares, posto que a área foi delimitada no decorrer do trabalho, tendo em vista a qualidade da pesquisa. A pesquisa parte de um estudo qualitativo e comparativo sobre modo/processo de territorialização das nomenclaturamente estereotipadas “tribos urbanas” no Parque. Com trabalhos de campo realizados periodicamente, tendo em vista o levantamento de dados primários por meio da observação direta, participante e entrevistas abertas. Procurando assim compreender o processo de territorialização e territorialidade presentes no local.

Procedimentos Metodológicos

Foram utilizados procedimentos metodológicos da pesquisa documental com levantamento de dados secundários e aportes teóricos do tema em estudo, e levantamento de dados primários por meio de entrevistas semiestruturadas com 160 frequentadores assíduos(ou não) do Parque. Foram realizadas entrevistas abertas,ou seja que não obedecem necessariamente a ordem que está anotada no guião. O entrevistador desta forma, “deixa a conversa andar” dentro do possível, esforçando-se apenas para reencaminhar a entrevista para os seus objetivos quando esta se perder um pouco, colocando perguntas às quais o entrevistado não chega por si próprio, de forma natural e no tempo certo.

- Roteiro de entrevistas a ser utilizado:
 1. Nome/idade/zona da cidade:
 2. Trabalha? Estuda?
 3. Você se sente membro de determinada tribo urbana? Qual? Por quê?

4. O que vocês possuem em comum?
5. Costuma vir sempre ao parque? Qual frequência?
6. Você costuma usar o parque como ponto de encontro com seus amigos? Em qual área costuma ficar? Por quê?
7. Evita alguma área do parque devido a presença de grupos de pessoas com os quais você não simpatiza? Por quê?
8. Esses encontros costumam ser marcados, com horário e data específicos? Através de qual meio de comunicação?
9. Quais as outras tribos urbanas ou grupos de pessoas com determinado “hobby” em comum, você costuma identificar no Parque dos Bilhares?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O presente capítulo revisa a literatura no que se refere a temática das territorializações na cidade e as chamadas tribos urbanas.

2.1. Tribos urbanas: categoria ou metáfora?

Geralmente quando a imprensa notícia certo tipo de ocorrência, geralmente envolvendo grupos de jovens ou adolescentes - enfrentamentos entre “galeras”, comportamento repulsivo em shows e festivais na cidade, pichações etc. - inevitavelmente surge o termo “tribos urbanas” acompanha a matéria. Essa prática acaba mistificando a existência de algum princípio de ordenamento num universo que se caracteriza exatamente por sua fragmentação e singularidade. Analisando mais de perto essa tentativa de explicação, percebe-se que na maioria das vezes o caráter das transgressões identificado em tais manifestações não extrapola um limiar até certo

ponto previsto e tolerado como característico de determinada faixa etária. Quando os efeitos de tais práticas vão além desse limite, muda-se o enfoque para o âmbito da delinquência, e da violência urbana.(CADERNOS DE CAMPO,1992)

A primeira observação é: quando se fala em "tribos urbanas" é preciso não esquecer que na realidade está-se usando uma metáfora, não uma categoria. A metáfora, não traz consigo a denotação e todas as conotações distintivas de seu uso inicial. Por algum desses traços é que foi escolhida, tornando-se metáfora exatamente nessa transposição: o significado original é aplicado a um novo campo. Portanto a metáfora é usada no lugar de algo, dá-lhe um nome. Evoca o contexto original, em vez de estabelecer distinções claras e precisas no contexto presente. O problema, contudo, que acarreta é que dá a impressão de descrever, de forma total e acabada, o fenômeno inacabado, aceitando-se como dado exatamente aquilo e ponto. Para apreciar devidamente os limites e alcances de seu emprego, é preciso antes de tudo ter presente qual é o domínio, o sistema de significações de onde foi tirada. E é essa explicação que não é dada quando o termo "tribos urbanas" é usado desleixadamente pra designar grupos que em busca de pertencimento compartilham interesses, passatempos, ideologias. Como que numa maneira de satisfazer o "anseio pela comunidade".(COELHO,2006).

E qual é o domínio original de "tribo"? A etnologia é uma forma de organização de sociedades que constituíram o primeiro e mais significativo objeto de estudo da antropologia. Não deixa de estranho o fato de se tomar emprestado um termo usual no estudo das sociedades de pequena escala para descrever fenômenos que ocorrem em sociedades contemporâneas altamente urbanizadas e densamente povoadas, como é o caso da metrópole Manaus. Para poder avaliar até que ponto esse termo ajuda a entender tais fenômenos, nas sociedades modernas, é preciso inicialmente descobrir os significados que ele tem no campo em que é manejado como

termo técnico, ou seja, nas sociedades indígenas. O segundo passo é identificar que relação existe entre o recorte original e aquele que se produz com a utilização no novo contexto. Sem mais delongas, o termo tribo constitui uma forma de organização mais ampla que vai além das divisões de clã ou linhagem de um lado e outro da aldeia. Trata-se de um pacto que aciona lealdades para muito além dos particularismos de grupos domésticos e locais. “Tais grupos elegem alguns pontos da cidade para desfrutarem de uma sociabilidade que só é possível entre seus pares, gerando encontros que nem sempre excluem conflitos” como veremos ao longo do trabalho.(SOUZA,2007)

“E o que é que vem à mente quando se fala em "tribos urbanas"? Exatamente o contrário dessa acepção: pensa-se logo em pequenos grupos bem delimitados, com regras e costumes particulares em contraste com o caráter homogêneo e massificado que comumente se atribui ao estilo de vida das grandes cidades. Não deixa de ser paradoxal o uso de um termo para conotar exatamente o contrário daquilo que seu emprego técnico denota: no contexto das sociedades indígenas "tribo" aponta para alianças mais amplas; nas sociedades urbano-industriais evoca particularismos, estabelece pequenos recortes, exhibe símbolos e marcas de uso e significado restritos”

(CADERNOS DE CAMPO,1992.pg3)

Como categoria, tribo quer dizer uma coisa; enquanto metáfora, é forçada a dizer outras, até mesmo contra aquele sentido original. Sendo metáfora, "tribo" invoca mais do que recorta. E invoca o quê? Primitivo, selvagem, natural, comunitário – características que se supõe estarem associadas, acertadamente ou não, ao modo de vida de povos que apresentam, num certo nível, a organização tribal.

Esta liberdade que a metáfora possibilita não a desqualifica em contextos de pesquisa e análise; antes exige que se tenha presente em mente que seu emprego não é unívoco. Pois sem esse exercício prévio corre-se o risco de iniciar o trabalho na base de uma convenção do tipo:

todos sabem do que se está falando, quando na realidade cada qual lê o termo em questão (no caso tribo) com um significado diferente. E na maioria das vezes, segundo o senso comum mais paupérrimo. Este trabalho procura distinguir tribo como a possibilidade de se agrupar os iguais, o que lhes possibilita intensas vivências comuns, o estabelecimento de laços pessoais e lealdades, a criação de códigos de comunicação e comportamento particulares.

Muita das vezes tribo urbana é utilizado para designar certos comportamentos “normais” dos “anormais”, como por exemplo, quando alguém é “titulado” em pelo simples corte de cabelo adotado. Ou quando se deixa claro que alguém com tantas tatuagens, e trajado de preto só pode ser “black metal” e assim por diante. Quando evoca o “selvagem”, o termo designa principalmente o comportamento agressivo, contestador e até “anti-social” desses grupos e as práticas de vandalismo e violência atribuídos aos mesmos. Esquecemos que homogeneidade está longe de caracterizar a cultura, os sistemas simbólicos e o modo de vida das sociedades.

Também é preciso ainda levar em conta que até mesmo a particular idéia que vê na tribo indígena uma comunidade homogênea de trabalho, consumo, reprodução e vivências através de mitos e ritos coletivos, não se aplica às chamadas “tribos urbanas”: sob esta denominação costuma-se designar grupos cujos integrantes vivem simultânea ou alternadamente muitas realidades e papéis, assumindo sua tribo apenas em determinados períodos ou lugares.

É o caso, por exemplo, do skatista que oito horas por dia é office-boy; do vestibulando que nos fins de semana é punk; do bancário que só após o expediente é gótico; da universitária que à noite é forrozeira; do estudante que nas madrugadas é pichador, e assim por diante.

2.2 As Territorializações Culturais

Sabemos que a identidade é um processo reflexivo construído por relações sociais. As identidades são construídas e manipuladas o tempo todo, cotidianamente. As identidades definitivamente não se apresentam como atributos rígidos, pois “ela nunca é uma, é múltipla” (HAESBAERT,1999). Estas são estabelecidas por uma necessidade de afirmação frente determinado grupo. Podemos dizer então que toda identidade implica numa territorialização, e a territorialização por sua vez permite uma permanência identitária, isto é, a territorialidade. E é no território que se estabelecem as relações de poder, ou seja, o território é base e produto das ações dos atores sociais que se apropriam do espaço. (RAFFESTIN,1993). “Em graus diversos, em momentos diferentes e em lugares variados, somos todos atores que produzem territórios”, portanto territorialidade tem “senso de identidade espacial, senso de exclusividade e compartimentação da interação humana”.

Toda cidade possui uma rede de relações onde são tecidos múltiplos processos de identificação. A diversidade social produz o constante encontro com o “outro”. E desses encontros podem surgir tanto vivências pacíficas quanto a negação e o conflito. Nesse jogo de identidades são produzidas múltiplas apropriações sociais, ou seja, no encontro e na reunião dos “iguais” procura-se solidificar o campo de relações e materializar signos e valores que constituem aquela identidade. O fato é que as identidades disputam seu lugar no espaço, numa constante busca por territorializar-se, definindo assim as pessoas que pertencem legitimamente aquele grupo ou aquele território e segregando ou sendo segregados de/por outros. Sendo mais objetiva “desterritorialização” é um termo para o deslocamento de identidades, pessoas e significados.(HAESBAERT,2009)

Segundo Gomes (2002), a produção espacial da cidade é composta por um dualismo. De um lado temos a cidade formal, constituída por agregados socioespaciais formais (faculdade, trabalho, religião, família, negócios e etc), e uma cidade informal, que constitui seus grupos a partir de outro cunho que pode ser: afetivo, sexual, estético, festivo, musical, político etc. Ou seja, haveria então, segundo o pensamento de Gomes, uma “cidade dos indivíduos dos interesses racionais e lógicos ” e uma “cidade dos grupos de afinidade,ou seja, das tribos”.

O tal encontro com os “iguais” acaba por provocar as microsegregações, ou seja, particulariza pequenas partes de um parque para uma convivência específica ou pela presença de determinado tipo social. Diz-se então que, esse fenômeno faz com que microagregados sociais se apropriem de pequenos espaços durante curto período de tempo, produzindo durante a estadia fronteiras de convivências bastante maleáveis (que se retraem e se expandem) em estreitíssima proximidade com outro agregado.

É importante destacar a inexistência de uma homogeneidade cultural no espaço urbano. Haesbaert(2002) comenta que a cidade cresce vertiginosamente, mas de maneira nenhuma constante. Isso porque dentro dela são produzidas varias formas de diferenciação socioespacial dentro da malha urbana descontínua. Portanto não existe uma homogeneidade cultural no urbano, mas muitos processos de identificação, reunião e apropriação do espaço.

Para entender toda essa multiplicidade de culturas e territorializações que se produzem no espaço urbano, faz-se necessária uma imersão no cotidiano do mesmo, e isso é mais que um estudo etnográfico é um estudo etnogeográfico (BONNEMAISON,2002). Precisamos ser famintos desbravadores do cotidiano , descrevendo as maneiras de ser, estar e de se apropriar da dimensão do vivido. É de extrema necessidade a compreensão dos “vínculos territoriais”, com todos os

seus conflitos, valores, necessidades, interações e o afeto que envolve o território vivido. Como argumenta Bonnemaizon “o território é uma convivialidade”.

Entenderemos ao longo do trabalho que tais comunidades não podem ser vistos de forma independente, fechados em seus redutos ou confinados a algumas áreas,pois, nos trajetos que se estabelecem, criam-se variadas conexões e contatos. (MAGNANI,2007)

3- DESENVOLVIMENTO

3.1 Um parque, mil e uma aplicabilidades

“Não sou de ninguém, eu sou de todo mundo e todo mundo é meu também” – Tribalistas

A intenção dessa pesquisa foi destrinchar as formas de apropriação do espaço urbano no Parque dos Bilhares, situado numa das áreas mais prestigiadas de Manaus, entre as Avenidas Djalma Batista e Constantino Nery. Desde a sua inauguração o mesmo tornou-se ponto de encontro importante na cidade, com seus 60 mil metros quadrados distribuídos em diversas áreas de recreação. Retirando assim o foco das principais Praças do Centro da cidade (que sofreram uma desterritorialização), já que os antigos freqüentadores foram pouco a pouco foram atraídos e remanejados a outro espaço de trocas e vivências. Como muitos dos entrevistados alegaram.

“Antes nos reuníamos nas Praças do Centro, ficávamos por lá, mesmo porque boa parte dos meus amigos estudava nas escolas da redondeza. Então um convidava o outro e ficávamos por ali ‘matando tempo’, conversando. Foi quando eu me interessei mais pelo goticismo, e vi que tinha tudo a ver comigo, me identifiquei.”

Tay, 18 anos (estudante e operária da indústria alimentícia)



Figura 01 – Entrada do Parque Ponte dos Bilhares (pela Avenida Djalma Batista), portal do Sarafa.

Compreender como diferentes comunidades coabitam uma área como o Parque Ponte dos Bilhares não é uma tarefa que se faz do dia pra noite, pois olhos desatentos podem enquadrar diferentes tribos/grupos numa nomenclatura só, o que seria um equívoco simples de se cometer. Apenas chegando mais perto, conversando, interagindo, observando o vocabulário, e não apenas o vestuário dos indivíduos, é que se podem determinar os detalhes que diferem os “emos” dos “scnes”, ou ainda os “góticos dark” dos “góticos românticos”. O mundo das tribos é mais setorizado do que se imagina e ao mesmo tempo podemos dizer que uma cultura “borra” a outra

mesclando assim outras tonalidades de uma mesma cor. Assim surgem, quase que exponencialmente novas coletividades.

A rotina no Bilhar (como é popularmente chamado) é bastante cíclica. Faremos agora um apanhado do resultado das entrevistas realizadas e das observações feitas;

O público predominante é bem jovem, a maioria dos frequentadores possui de 13 a 26 anos. Mas o logradouro atrai também pessoas de todas as idades que procuram manter o corpo em forma, curtindo os equipamentos para ginástica, a pista para caminhada, e a ciclovia. Os moradores também podem usufruir das quadras de vôlei, futebol de areia, e basquete. Práticas esportivas que ganham novos adeptos, ou apenas “admiradores”. Explica Messias, 23 anos (skatista e vendedor):

“Skate é respeito a diversidade, por isso os meninos se juntam aqui, olham pra gente fazendo as manobras e depois de um tempo ensinamos o que sabemos pra eles e alguns levam a sério mesmo. Carregam isso pra vida.”



Figura 02 – Ciclovia do Parque dos Bilhares; portal do sarafa.

E as crianças menores que estão sempre acompanhadas dos pais usufruem da área verde em especial do playground que faz a alegria da meninada. Já durante os finais de semana, ou dias específicos de apresentação cultural, destacam-se as apresentações de bandas locais e nacionais. Como foi o último dia 13 de julho (dia internacional do Rock) comemorado em grande estilo, trazendo ao palco vinte e seis bandas. O evento contou com apoio da Prefeitura de Manaus, por meio da Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos (Manauscult). *“É importante colaborar na difusão de eventos culturais na cidade, seja qual for o gênero musical. O rock é um estilo que muitas pessoas curtem. Então nada mais justo que celebrarmos com uma grande festa”*, disse o diretor-presidente da Manauscult, Bernardo Monteiro de Paula.

Outro evento que ganhou destaque foi o “Show Cultural”, a culminação de um movimento que reuniu modelos, estilistas e bandas de rock. O evento ocorre no Parque dos Bilhares no dia 26 de julho de 2014. E teve como objetivo principal a moda Amazônica, e a exaltação da mulher Amazonense.



Figura 03 – Desfile de moda do evento Show Cultural, realizado no Parque. Modelo representando uma noiva amazônica; portal acrítica.



Figura 04 – Modelos e organizador do Evento Show Cultural, após o desfile; portal acrítica.

Os dias mais “movimentados” são os finais de semana. Ou seja, mais especificamente a sexta-feira e o sábado. Onde fervilham os encontros, as trocas e por que não os “conflitos”. Que podem ocorrer da maneira mais velada, até a mais escancarada, caindo muita das vezes na violência verbal e física, tantos entre os “iguais” tanto com os “diferentes”, sendo mais freqüente no segundo caso. O que queremos afirmar com isso é que a membrasia desses grupos pode deslizar uma sobre as outras, trocando significados conforme queiram. Dois grupos, por vezes semelhantes nos aspectos estéticos, podem ser totalmente rivais, em outros quesitos. Muitas das vezes tais indivíduos se “estranham”, ou simplesmente tentam manter-se afastados estrategicamente um do outro. Toda essa “picuinha” interna revela um retalho curioso das relações inter-grupais ou interculturais. Segundo Vianna(2007) “nenhuma dessas culturas é ‘simples’ tendo um mesmo código, aplicado da mesma maneira sobre todos os seus integrantes”.

Debaixo de alianças e rivalidades convivem e coabitam as mais diferentes pessoas. Podemos chamar o evento de uma espécie de “osmose cultural”. Ou seja, um processo gradual e até mesmo inconsciente de assimilação e absorção. Claro que esse fato não é privilegio do Parque em questão, pois essas trocas acontecem a todo instante, em todo o mundo, com todos os seres sociais, se revelando no espaço.

Durante a pesquisa foi constatado que as pessoas não vêm problemas em se locomover até o Parque(mesmo tendo que depender do transporte público) já que as escassas áreas de lazer próximas as residências dos mesmos não oferecem o que eles estão à procura: encontrar os parceiros que comungam dos mesmos gostos, filosofias e estilo de vida, e que, portanto elegeram determinado espaço como ponto ou “*point*” difusor de sua própria identidade. O parque dos Bilhares foi eleito pelas pessoas como ambiente ideal para satisfazer o “anseio pela comunidade” por muitos fatores, dentre eles a extensão territorial que permite um melhor espalhamento e demarcações dos grupos. Cada pedaço do parque é tomado por um grupo diferente de pessoas que transitam (interagem) ou não nos outros pedaços por questões de afinidade e graus de semelhança.

3.2 Um olhar mais apurado

"Minha aldeia é todo o mundo.

Todo o mundo me pertence.

Aqui me encontro e confundo

com gente de todo o mundo

que a todo o mundo pertence.”

Antônio Gedeão (1906-1997)

Os grupos identificados na pesquisa estão dispostos no quadro abaixo, conforme a maior representatividade em número de membros. Vale ressaltar que parte significativa dos entrevistados, cerca de 25% diz-se simpatizante e/ou participante de mais de um grupo.

E 18% se declara não-pertencente a nenhuma “tribo urbana”, porém se enquadrrou em um dos grupos a seguir. Como já fora discutido, o termo “tribo urbana” é repleto de certo “peso negativo” que ainda passeia na mente das pessoas. Por culpa de seu uso quase sempre associado a coisas negativas, como: depredação do patrimônio público e envolvimento com entorpecentes, etc. Deve-se destacar que o quadro abaixo exprime a opinião dos entrevistados em alguns pontos específicos, que ficaram livres para expor suas opiniões da maneira que mais lhe convinham.

| <p style="text-align: center;">Grupos / Tribos encontrados no Parque dos Bilhares</p> | |
|--|--|
| NOMENCLATURA: | OBSERVAÇÕES RECOLHIDAS EM CAMPO: |
| Black Metal | Partilham da cultura Black metal, alguns se dizem satanistas. Ocupam a arquibancada do anfiteatro. |
| Punk | Este movimento Punk também é caracterizado por um estilo |

| | |
|--|--|
| | <p>baseado na música, moda (ou anti-moda). A primeira manifestação surgiu nos Estados Unidos com a banda The Ramones, por volta de 1974 e é caracterizada por um revivalismo da cultura rock and roll (músicas curtas, simples e dançantes). Hoje em Manaus, os fãs do estilo musical acabam trazendo para sua maneira de vestir um pouco dessa cultura do “faça você mesmo”, Camila (estudante de 16 anos) afirma: “nossa marca é esse lenço a mostra nos bolsos da calça, gostamos de andar assim meio largados, desse modo tentamos mostrar nossa indignação com a sociedade e seu estilo consumista”. Ramon complementa: “nos damos bem com todos os grupos aqui, ficamos na nossa, respeitamos, mas nossa</p> |
|--|--|

| | |
|-------------------------|--|
| | resposta para certos comportamentos é silenciosa”. |
| Head Banger/Heavy Metal | Headbanger (também) metalhead é o termo usado pra designar a subcultura de fãs de heavy metal e suas variantes. O termo headbanger foi criado como denominação ao grupo, pelo hábito de praticarem headbanging(ouvir rock pesado e balançar a cabeça). Já o nome Metalhead (mais utilizado na Europa), vem do próprio gênero musical. Os cabelos compridos, casacos de couro, coletes jeans, patches de bandas de metal entre outros acessórios ajudam a promover um sentido de identificação na subcultura. No Brasil e em Portugal são frequentemente chamados de metaleiros. Mas nem todos gostam dessa nomenclatura, e se sentem ofendidos quando |

| | | |
|--------|--|---|
| | <p>chamados assim. No parque dos bilhares ocupam parte da arquibancada, sem jamais se misturar com os emos, funkeiros. Curiosa é a parede invisível que se estabelece entre as tribos.</p> <p>“Daniel expressa sua opinião sobre os headbangers:” não usamos roupa de marca, não ligamos pra isso, não assistimos qualquer porcaria televisiva, muito pelo contrário, headbangers estudam, são bilíngues, e até músicos, como é o meu caso. Minha paixão pela música me levou a aprender um instrumento. Sabe de uma coisa, a mídia nos pinta muito mal. Não somos esses “rebeldes”, apenas decidimos não dizer “sim” pra tudo que querem nos empurrar e convencer a comer, usar, comprar...”.</p> | |
| Gótico | Gótico dark | É o maior grupo em sub-divisões, e há muita tensão entre os |

| | | |
|-------|-------------------|--|
| | Gótico andrógenu | <p>mesmos. Para fazer parte do grupo não basta apenas “querer” e sim “fazer por merecer”. Conforme o líder do grupo, o jovem Luiz de 22 anos que frequenta o parque desde sua inauguração: “Muitos querem ser góticos, mas na verdade são apenas ‘empolgados’, jovens problemáticos querendo chamar a atenção dos pais.”</p> <p>A marca do grupo é a caracterização, que se destaca por vestimentas na cor preta e maquiagem nos olhos. Ocupam toda a entrada e intermediações, sem, no entanto se “misturar” com os demais. Pois prezam a pureza de sua classe, o rock, e suas reuniões secretas. Observação: não admitem os funkeiros.</p> |
| | Gótico ódius | |
| | Gótico romancista | |
| | Gótico andrógenu | |
| | Gótico satânico | |
| Scene | | <p>Para começar recorreremos as nomenclaturas, pois scene, vem de “cena” e basicamente os adeptos dessa tribos são jovens de 12 a 20 anos que colorem os cabelos, e tudo o que fazem buscam chamar atenção para si. E produzem auto divulgação através das redes sociais, através de fotos. No parque eles estão presentes, ainda que em numero reduzido. Pois a cultura “scene” prefere buscar notoriedade de maneira virtual.</p> |

| | |
|-----------|--|
| | Através do instagram, facebook, Tumblr, fotolog. |
| Emos | <p>Cabelos em corte assimétrico, franjas cobrindo os olhos são apenas estereótipos quando se fala desse grupo que tem ramificações pra lá de distintas. No Bilhar, os emos são facilmente identificados pois seu comportamento recluso, o que acaba evidenciando-os ainda mais.</p> <p>Eles se espalham na ponte que resguarda o lago artificial e ao redor do anfiteatro, e nos cantos mais escondidos. Menosprezados pelos góticos por seu excesso de emotividade. Os emos já tiveram seu auge e hoje convivem com o declive de sua tribo. Que ganha nova cara. Pois aqui também “nada se perde, tudo se tranforma”.</p> |
| Funkeiros | Sempre em grande número se |

| | |
|-------|--|
| | <p>reúnem para cantar e dançar funk, porém são criticados em demasia por outras tribos que não aceitam a letra de suas músicas que quase sempre fazem apologia ao sexo, drogas e descaracterização da mulher. Que pelos críticos são sempre “enaltecidas” de forma errada.</p> <p>Mas claro que não podemos afirmar que todos os funkeiros são assim, como diz Tiago,16 anos(estudante)</p> <p>“tem o povo que só vem aqui pra azarar as minas, e tem o povo que vem aqui pra cantar, se divertir, eu particularmente curto mais outro tipo de funk, algo mais voltado pra ‘ostentação’, tipo Mc Gui. Mas aqui no parque você aprende a vê de tudo”.</p> |
| K-pop | Curtem música pop sul-coreana. E instauram grupos de dança para |

| | |
|-----------|--|
| | <p>divulgar a mesma.</p> <p>Rock e desenho japonês são paixões expressivas que se materializam em dezenas de “<i>bottons</i>” presos a mochila desses jovens. Passam horas pesquisando sobre a cultura oriental e a vida de seus ídolos. E mantém forte laço com k-poper’s de todo o país graças as redes sociais. Como Luan(estudante,17 anos) afirma “sem a internet nossa tribo não seria nada”</p> |
| Cosplay | <p>Gostam tanto de mangá, desenho e cultura japonesas que chegam a se vestir como seus personagens preferidos. Não muito comuns, aparecem esporadicamente no parque, já que seu ponto de encontro são as lojas especializadas em desenho japonês e cultura coreana.</p> |
| Skatistas | <p>De longe a tribo que mais hasteia a</p> |

| | |
|-------------|--|
| | <p>bandeira do “respeito a diversidade”. E o discurso de todos é sempre pela valorização do ser humano. Tem o skate como forma de expressar liberdade e vida, e claro como meio de transporte. A rua é um universo de possibilidades, e cada manobra reforça essa ideia.</p> <p>Todavia não compactuam com certas práticas dos demais grupos que circundam o parque. Devido estas ferirem o pudor dos frequentadores, em especial das crianças. Houveram inúmeras brigas e desentendimentos sobre essa questão.</p> <p>E seu território mais que territorilizado é a pista de skate, que é só deles.</p> |
| Forrozeiros | São vistos apenas quando ocorrem shows de bandas de forró no parque. Ou seja, não sofrem atritos |

| | |
|--------------|--|
| | <p>com os demais grupos, por sua frequência despontual.</p> |
| Street dance | <p>Uma caixa de som e esses rapazes, moças dão um show de improvisação e dança de rua. Geralmente são grupos de dança que resolvem fazer ensaios “ao ar livre”, para além de chamar atenção das pessoas, divulgar a sua arte. E são muito admirados pelos k-poper’s por estes valorizarem bastante o tipo de dança em questão.</p> |
| Evangelistas | <p>Altamente estratégicos, para não “invadirem a praia” dos frequentadores mais inflexíveis. Os evangelistas procuram inovar em sua forma de trazer uma mensagem de fé para os jovens do local.</p> <p>Chamam e muito a atenção das pessoas com uma abordagem artística que envolve show de</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>mágica, teatro, pantomima, dança, skate e até patins. Andrew de 26 anos(sargento aeronáutica), líder de evangelismo em sua igreja nos fala sobre essa abordagem:</p> <p>“chamamos a atenção dos jovens de maneira que prenda a atenção, e não apresentamos um evangelho nos moldes tradicionais, ou seja, a velha caixa de som e etc, mas procuramos fazer o que eu chamo de Evangelismo Criativo, trazendo algo inovador sempre. Somos bastante respeitados por isso, e eu agradeço a Deus por essa oportunidade. Esse é o meu chamado”.</p> <p>Apesar das pessoas nem sempre concordar com os cultos religiosos no perímetro do parque, a maioria respeita os evangelistas, exceto quando estes equivocados e despreparados tentam “converter”</p> |
|--|---|

| | |
|----------|---|
| | <p>os outros freqüentadores. O que é muito raro, pois a maioria exerce outro tipo de estratégia na hora da mensagem e por isso são cordialmente aceitos.</p> |
| Fã-clube | <p>Algo curioso com o qual nos deparamos foi a reunião de fãs-clubes no interior do parque. Conhecemos dois fãs-clubes da banda Rosa de Saron, os chamados: Rosarianos.</p> <p>Mas há também outros grupos de fãs de cantores/bandas diferentes que se reúnem com alguma freqüência no lugar.</p> <p>Na reunião em que pudemos entrevistar e participar, pode-se observar o quanto são unidos e organizados, pela internet promovem seus eventos que constituem uma verdadeira confraternização, comemoram até o Dia do Rosariano (25 de junho)</p> |

| | |
|---------|---|
| | <p>com direito a bolo personalizado e tudo mais; Curioso observar o laço criado entre semi-desconhecidos. Alguns, claro já possuem certo vínculo de amizade, mas a maioria uniu-se pelo carinho pela banda.</p> <p>Durante o encontro Rosarianos Manaus Houve momentos em que todos falavam sobre “como conheceram a banda”, e no final sorteio de CDs e dinâmicas em grupo que tinham como premiação o sorteio de um par de ingressos para um “esquenta” do show do Rosa de Saron que ocorrerá dia 23 de outubro de 2014 no Studio 5.</p> <p>Percebe-se que a comunidade com suas promessas de aconchego, confiança e segurança parece um refúgio para esses jovens.</p> |
| Família | <p>A maioria dos entrevistados chamou de “o pessoal família” os freqüentadores do parque que vem</p> |

| | | |
|--------------------|---|---|
| | <p>trazer os filhos para brincar, ou acompanhar o cônjuge ou namorado em passeios descomprometidos. Costumam ocupar a partir da entrada do Parque na Avenida Constantino Nery, que foi apontado por 74% dos entrevistados como a “parte família” do Bilhar.</p> | |
| <p>Esportistas</p> | <p>Futebol</p> <hr/> <p>Vôlei</p> <hr/> <p>Basquete</p> <hr/> <p>Caminhada/corrída</p> <hr/> <p>Musculação</p> <hr/> <p>Ciclismo</p> | <p>Outros que se enquadram no perfil “família” são os esportistas, ou melhor, pessoas que frequentam o parque com o intuito de melhorar sua qualidade de vida através de exercícios, caminhada, corrida. E há ainda os que fazem do futebol, basquete, vôlei, e demais práticas desportivas sua principal paixão. Encontrando assim nas quadras espalhadas ao longo do parque cenário ideal para externá-la.</p> <p>Com a reforma que o parque recebeu esse ano, devido a Copa do Mundo, muitas pessoas ficaram animadas em usufruir das novas estruturas para musculação, ginástica, e voltaram a frequentar o parque com o objetivo de melhorar a aptidão física.</p> <p>Esse grupo geralmente não se mistura muito, e exerce um comportamento de negação, em relação aos góticos, emos, funkeiros e etc. Muito embora estes estejam bem próximos ao seu “recanto fitness”.</p> |

Quadro 01: Tribos e Grupos encontrados no Parque dos Bilhares.



Figura 05 – Parque Ponte dos Bilhares (pela Avenida Constantino Nery). Portal do Sarafa.

4- CONCLUSÕES

A pesquisa propiciou o reconhecimento dos grupos e tribos pertencentes ao parque, suas relações ora afetuosas, ora porosas desencadeiam uma série de constatações, dentre elas a forte presença do fenômeno de negação por parte dos freqüentadores que simplesmente ignoram a presença de alguns grupos, não interagindo de forma alguma com eles, ainda que estejam próximos fisicamente, há um distanciamento, uma barreira invisível que deixa claro como mais de um universo pode coabitar um mesmo local sem necessariamente se deixar fundir. Mas o contrário também acontece, pois o Parque dos Bilhares é um o lugar do Encontro, das diferenças,

onde muitos circuitos se conectam, onde um interesse em comum é capaz de dar início a uma conversa, a uma amizade.

É possível ser participante de mais de uma tribo ou grupo, porém para a efetiva participação faz-se necessária a aceitação prévia dos demais. Em alguns casos o indivíduo passa por “testes” e até “rituais de iniciação” ou fica meses e meses em “observação”. Já em outros núcleos basta “chegar junto” e com simplicidade já se estabelece um vínculo. A abertura dos que se dizem tribos é menor que a abertura dos que se dizem grupo. Talvez porque a Tribo envolva questões como: preferência musical, ideologia política, religião e até mesmo estética. Isso tudo de maneira muito bem delineada, já os que se intitulam (ou foram intitulados por outros) como grupos, são mais expansivos e abertos, já que a união dá-se através de um hobby, ou determinada preferência.

Redes sociais como o facebook, e whats app aceleram o processo de trocas culturais dos frequentadores e a maioria dos entrevistados usa as redes para marcar os encontros, saber as novidades sobre shows e encontros dos grupos em outros pontos da cidade. Ou seja, além de compartilharem um espaço físico, essas pessoas compartilham um espaço virtual de maneira intensa. E até mesmo durante as entrevistas notou-se que os jovens não desgrudavam do aparelho, e a todo instante checavam suas “atualizações”. Estavam ali no parque fisicamente, mas virtualmente estabeleciam outras conexões com seus iguais. É de extrema necessidade a compreensão dos “vínculos territoriais”, com todos os seus conflitos, valores, necessidades, interações e o afeto que envolve o território vivido. Pois o território é marcado pela convivialidade.

3. REFERÊNCIAS

BONNEMAISON,J. Viagem em torno do território. IN ROSENDAHL,Z.;CORRÊA,R.L.

Geografia cultural: um século(3). Rio de Janeiro: EdUERJ,2002.

CADERNOS DE CAMPO - **Tribos Urbanas, metáfora ou categoria?** Artigo publicado em “Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia”. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992.

FRAYA, Frehse. Resenha de “**Tribos urbanas: produção artística e identidades**” de José Machado Pais e Leila Maria da Silva Blass. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 21. núm.60, fevereiro,2006.

FUSETO, Laís Rafaela.RIBEIRO, Rafael. **A construção das Tribos Urbanas através do conceito de tipo-ideal: o consumo como possibilidade de ser.** Laboratório Itinerante de Ensino de Sociologia: Instalação Interativa.

GOMES,P. C. da C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2002.

HALL S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade.** 10a ED. RIO DE JANEIRO: DP&A; 2005.

HAESBAERT,R.**Territórios Alternativos.** Niterói: EdUFF;São Paulo: Contexto,2002.

_____. Identidade Territoriais. In: ROSENDHAL, Z; CORRÊA, R. L. **Manifestações da Cultura no Espaço.** Rio de Janeiro: Ed.UERJ,1999

_____.**O mito da desterritorialização.**Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,2009.

MAGNANI, José Guilherme e SOUZA, Bruna Mantese. **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Editora Terceiro Nome,2007.

MAFFESOLI,M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de Janeiro: Forense,2002

RAFFESTIN,C. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática,1993.

SANTOS, M. **A NATUREZA DO ESPAÇO: técnicas e tempo; razão e emoção.** São Paulo: Hucitec,1997

<http://oeldoradoequi.blogspot.com.br/2011/01/parque-dos-bilhares-manaus.html>

5. Cronograma de Atividades

| Nº | Descrição | Ago 2012 | Set | Out | No v | De z | Jan 2013 | Fev | Ma r | Abr | Mai | Ju n | Jul |
|----|--|-------------|-----|-----|---------|---------|-------------|-----|---------|-----|-----|---------|-----|
| 01 | Levantamento bibliográfico de aportes teóricos e dados secundários; | R | R | R | R | R | | | | | | | |
| 02 | Visitas as principais praças e parques de Manaus, para delimitar a área da pesquisa; | | | R | R | R | R | | | | | | |
| 03 | Aplicação de questionário aos freqüentadores do Parque dos Bilhares | | | | | | R | R | R | R | | | |
| 04 | Sistematização e análise dos dados | | | | | | | | R | R | R | R | |
| 06 | Elaboração do Resumo e Relatório Final | | | | | | | | | | | R | R |
| 07 | Preparação da Apresentação Final para o Congresso | | | | | | | | | | | | R |

Legenda:

R: para atividade realizada